

## Local Programa ainda só vai mitigar ruído dos aviões em 18 edifícios



# Ruído do aeroporto de Lisboa: “Temos de parar a aula para o avião passar”

### Reportagem

**Teresa Serafim** Texto  
**Nuno Ferreira Santos** Fotografia

Em Camarate, o ruído dos aviões não dá descanso. Espaçados por escassos minutos, uns “vrum, vrúm” vagueiam a poucos metros das cabeças de quem lá vive e até já se acostumou a estas passagens recorrentes. Mas na Escola Básica N.º 2 essa nunca será uma actividade compatível com a dos alunos. “Estamos constantemente a parar a aula. Os aviões passam muito regularmente”, diz logo Susana Cruz, professora e coordenadora deste estabelecimento de ensino.

Susana Cruz relata que actividades tão simples como ler um texto se tornam complexas. “Uma leitura não demora assim tanto tempo e conseguimos parar cinco ou seis vezes”, indica, mas realça que o som dos aviões se tornou algo tão frequente que os seus alunos do quarto ano já se

Programa da ANA de protecção do ruído de aviões do aeroporto de Lisboa avançará em 18 edifícios de educação e saúde, indica empresa. Intervenções já deveriam ter terminado, mas obras nem começaram



habituarão. O que não deixa de ser um problema. Ainda agora a professora esteve a leccionar o sistema respiratório e as crianças não entendiam metade das explicações, por causa do barulho das aeronaves do Aeroporto Humberto Delgado. Muitas vezes, a solução para se ouvir melhor é a abertura das janelas, mas depois fica-se com outro problema: o calor numa sala com má ventilação.

No recreio, ver aviões a passar já se tornou um hábito. Mas é um costume que trouxe também um outro problema: “Se vier ao nosso recreio, os meninos falam mais alto do que noutros. Como não se conseguem ouvir, falam mais alto uns com os outros”, explica a coordenadora da escola.

Os pais das crianças são os primeiros a notar o impacto do ruído dos aviões, ora não fossem eles habitantes de Camarate, no município de Loures. “A minha filha, às vezes, queixa-se de que não consegue ouvir algumas coisas nas aulas por causa dos aviões”, diz Tânia Costa, enquanto a espera à

porta da escola. Esta mãe refere que o hábito de ouvir as aeronaves não deixa de ser um incómodo, seja quando acorda cedo e não consegue voltar a dormir ou quando está a falar com alguém ao telemóvel e tem de parar. Apesar de na sua casa já ter insonorização para fazer frente a esse problema, ele persiste. O mesmo diz Luís Martins, pai de outro aluno: “Estamos a ver televisão e temos de aumentar o som, até com janelas fechadas e vidros duplos.”

A insonorização é o plano para se minimizar o efeito do ruído dos aviões na Escola Básica N.º 2 de Camarate. Este é um dos edifícios ligados a actividades de educação e saúde, em Lisboa e Loures, que foram seleccionados num programa de insonorização da ANA – Aeroportos de Portugal, que pagará esse isolamento acústico. Na escola, a intervenção será feita nas janelas das salas de aula, algo que agrada à professora Susana Cruz, que deixa um alerta: as janelas terão de ser fechadas na mesma e a ventilação não é boa.

“Não podemos estar a resolver um problema e a criar outro.”

Ao todo, são 18 os edifícios que a ANA indica que serão insonorizados no programa Bairro. Em Loures, da propriedade da câmara municipal, além da Escola Básica N.º 2, foi seleccionada a Escola Básica N.º 4. O município refere ao PÚBLICO que a melhoria das condições acústicas “é muito importante e desejada pela comunidade escolar”. Também refere que o plano lhe foi apresentado em Outubro de 2023 e já foram feitas visitas à escola a propósito da sua aplicação. A ANA só paga a insonorização e tem de ser o responsável pelo edifício a fazer o resto, como encontrar quem faça os projectos.

A autarquia está a “ultimar o texto final do protocolo a celebrar com a ANA” para que seja aprovado em reunião de câmara. Fora as obras, estima-se que só os dois projectos para a intervenção ultrapassem os 5000 euros.

No concelho de Loures, está ainda incluído no programa Bairro

**A Escola Básica N.º 2 de Camarate será uma das instituições incluídas no programa de insonorização de edifícios da ANA**

**A Creche Bebê Xarila, no Campo Grande, já tinha vidros duplos e agora será reforçada com nova intervenção**

um infantário do Centro Paroquial e Social Nuno Álvares Pereira de Camarate, que tem 44 crianças até aos dois anos. Filipa Sampaio Mineiro, a directora técnica, diz que “com a habitação ao barulho, neste momento, é como se não existisse e os aviões não passassem”. Ao longo de 20 anos de trabalho neste centro, refere que o barulho “nunca foi assunto”, tanto nos serviços administrativos (no centro de Camarate) como nos infantários da instituição. Se tem a certeza de que não afecta o funcionamento das actividades, também assume que não sabe quais poderão ser as consequências futuras desta poluição sonora.

Filipa Sampaio Mineiro conta que foi a ANA que contactou a instituição e lhe deu todas as explicações sobre o programa. Neste momento, a directora técnica enviou a documentação pedida e está a aguardar a resposta da gestora das infra-estruturas aeroportuárias. “Se é para melhoria do bem-estar de



quem lá está dentro, porque não avançar?"

#### Palavra mais usada: hábito

Na cidade de Lisboa, são 15 os edifícios indicados pela ANA, três deles do Instituto Universitário de Lisboa (Iscte). Na entrada do instituto, na Avenida das Forças Armadas, é frequente as conversas serem interrompidas pela passagem dos aviões. É a partir de lá que Matilde Monteiro, de 20 anos, e Laura Loureiro, de 19, nos explicam que o mesmo acontece no interior. "É perturbador porque temos de parar a aula para o avião passar. Dispersa a nossa atenção", conta Matilde, que frequenta o Iscte há mais de dois anos. "Nas apresentações orais, temos de parar de falar", completa Laura.

Ambas as amigas dizem que o ruído se tornou um hábito, até porque vivem em Lisboa e cresceram com esse som. O mesmo diz Vasco Fidanza, de 23 anos, que frequenta há mais de três anos o instituto e até já viveu na zona. "O ruído não me afecta muito. Estou habituado. Em três ou quatro segundos em que o avião passa, a professora pára e depois retoma a conversa", relata, admitindo que o barulho incomoda mais quando as janelas estão abertas. Marisa Paulo, de 21 anos, acha que no início é

mais complicado lidar com a passagem dos aviões, mas que depois a pessoa se "ambienta". "É um bocadinho aborrecido, mas depois começa a fazer parte da normalidade", diz a estudante, que vive em Cascais.

Quem mais estranha este barulho vindo dos céus são os estudantes deslocados. A norte-americana Kaleena Berardi, de 20 anos, diz que não está habituada a viver em cidades com aeroportos tão próximos. "Nas aulas, estamos sempre a ouvir os aviões e a parar", conta com uma cara reveladora do seu cansaço. Vive perto do Iscte e refere que, por vezes, tem dificuldades em deixar-se dormir. "É um ruído perturbador!"

O barulho também incomodou "um bocado" David Ambrósio quando veio de Grândola para Lisboa estudar. Agora, quase a terminar a licenciatura, está mais acostumado. "É algo que está enraizado devido à localização do Iscte. Não tem sido o sítio a adaptar-se à situação, mas nós é que nos temos adaptado", considera. "É poluição sonora e devem ser tomadas as medidas devidas para se tentar mitigar esse impacto e aumentar a qualidade de vida dos estudantes."

A insonorização paga pela ANA está dentro dessas medidas. Ao

**Três edifícios do Iscte também estão incluídos no mesmo programa de insonorização pago pela ANA**

**Há escolas em que os alunos estão sempre a interromper as leituras por causa do barulho dos aviões**

PÚBLICO, o Iscte referiu que já celebrou um protocolo com a gestora das infra-estruturas aeroportuárias para "a correcção acústica de parte de três edifícios", o que incluirá salas de aulas e de estudo. O projecto já foi elaborado e, neste momento, decorre a fase de lançamento de procedimento de contratação de empreitada. "Estima-se que os trabalhos fiquem totalmente concluídos no fim do primeiro trimestre de 2025", prevê-se. Não foram indicados valores do orçamento.

Não muito longe, na Rua Filipe da Mata, a Academia de Estudos e de Actividades Professor Voltinhas também vai aproveitar o programa da ANA. Susana Rocha diz que nunca recebeu queixas do barulho de quem frequenta o espaço, mas que a insonorização "é uma mais-valia". A responsável pelo espaço, que se dedica ao apoio ao estudo de crianças e jovens, afirma que o ruído dos aviões se tornou um costume, o que não quer dizer que não perturbe, sobretudo para quem não está habituado.

A intervenção na academia consistirá, em grande parte, na mudança da caixilharia numa zona com porta e janelas virada para a sala de estudo. Susana Rocha diz que este tem sido "um processo longo" e com muita burocracia, mas espera que nos tempos

próximos a obra se venha a concretizar, pois já foi celebrado o protocolo com a ANA.

Na Creche Bebê Xarila, no Campo Grande, ainda não se consegue prever um prazo para as obras começarem. Por agora, Isadora Maia, directora da creche, refere que ainda aguarda que técnicos venham fazer uma avaliação. No fundo, a intervenção passará por alterar as janelas do infantário, nomeadamente toda a parte da caixilharia. A directora conta que foi contactada pela ANA há cerca de um ano e que, apesar de toda a burocracia, aceitaram participar no programa porque "ainda se vai isolar mais o ruído" e porque é gratuito.

O barulho dos aviões não tem afectado as rotinas na creche e, no recreio, até chega a ser uma diversão para as crianças vê-los passar, mas Isadora Maia sabe que o vaivém deste ruído pode ser prejudicial à saúde. Quem estava a coordenar o estabelecimento antes de si também saberia isso ou ter-se-á sentido incomodado, pois o espaço já tinha vidros duplos quando a directora começou ali a trabalhar, em 2015. "Trabalhar por baixo de poluição sonora não é bom", nota. Também a educadora de infância Neuza Nunes o reconhece: "Quando estamos em actividades, é difícil ouvi-los [aos



bebés.” Mesmo assim, tem de assinalar: “Quem está sempre aqui já nem os ouve.”

#### Porquê estes edifícios?

Os restantes edifícios que estão incluídos no programa da ANA são: o Centro de Saúde de Alvalade; dois pavilhões do Instituto para os Comportamentos Adictivos e as Dependências; o Centro de Apoio à Juventude João Paulo II; e seis pavilhões da Unidade Local de Saúde de São José.

As intervenções terão um financiamento total de cerca de 1,5 milhões de euros, que a ANA diz estar a pagar “voluntariamente”. A empresa refere que já “estão realizados os procedimentos administrativos necessários com as respectivas entidades envolvidas, cabendo às mesmas a execução da obra, assim como a definição do seu calendário de execução” – ou seja, a ANA apenas paga ou dá os esclarecimentos necessários.

E porquê estes edifícios? Através da avaliação divulgada, em 2021, estes eram os imóveis ligados à educação e à saúde mais expostos ao ruído nocturno, nos quais os níveis chegam aos 65 decibéis (dB), sendo este o valor que a lei do ruído estabelece para emissões durante o dia. Se for à noite, esse valor desce para 55dB no geral e para 45dB para

zonas sensíveis. Esta era apenas uma primeira fase do programa, porque numa segunda também estaria incluído o financiamento de habitações de residentes em que os níveis do ruído chegam aos 60dB durante a noite.

A questão é que este era um programa que estava já previsto no Plano de Acção do Ruído 2018-2023 do Aeroporto Humberto Delgado, que foi aprovado pela Agência Portuguesa do Ambiente (APA). Além de estar incluído num plano que esteve em prática até 2023, a própria ANA referia, em 2021, que a primeira fase do programa iria desenvolver-se entre 2021 e 2023, mas nunca chegou a ser finalizada no prazo previamente estabelecido. Agora, surge como uma das “medidas em curso” do Plano de Acção de Ruído 2024-2029, que esteve em consulta pública e que será submetido para aprovação da APA.

Essa tem sido uma das críticas da associação ambientalista Zero, que tem defendido o encerramento do Aeroporto Humberto Delgado. “O programa devia estar concluído em 2023”, realça Acácio Pires. O responsável pela área de políticas públicas do grupo de energia, clima e mobilidade da Zero considera que “a ANA está em incumprimento do plano de acção” e que deveria estar sujeita a alguma

sanção. O PÚBLICO questionou a ANA relativamente a este assunto, mas não obteve resposta até ao momento da publicação deste artigo.

Além disso, Acácio Pires considera que os edifícios seleccionados são insuficientes para minimizar os efeitos do ruído e relembra que, no plano de acção 2018-2023, chegaram a ser 22 os edifícios de educação e saúde a ser considerados para o programa de insonorização.

Sobre o facto de muitas pessoas referirem que estão habituadas ao ruído dos aviões, Acácio Pires assinala que “é comum isso acontecer”. Contudo, avisa: “Mesmo que o corpo humano se habitue e se adapte à situação, isso não quer dizer que os impactos na saúde não existam”, afirma. “A própria adaptação pode resultar em doença.” Entre as consequências da exposição prolongada a esse barulho para a saúde, destaca que pode levar a distúrbios do sono; aumentar os níveis de stress, levando a problemas cardiovasculares; afectar a saúde mental, podendo estar ligado à ansiedade; ou ter algum impacto negativo na função cognitiva, sobretudo no desenvolvimento intelectual de crianças ou na produtividade no trabalho.

## Aeroporto de Lisboa

# Ainda não sabe quando se resolverá problema em casas afectadas

Teresa Serafim

Ainda não se sabe quando é que a ANA – Aeroportos de Portugal avançará com o pagamento da insonorização das casas mais afectadas pelo ruído dos aviões do Aeroporto Humberto Delgado, em Lisboa, tal como se comprometeu. Ao PÚBLICO, a gestora das infra-estruturas aeroportuárias referiu que “o modelo de financiamento para a intervenção nas habitações se encontra em fase de definição, pelo que remete mais informação para momento posterior”.

Esta medida deveria ter sido posta em prática até ao fim de 2023. O financiamento da insonorização das habitações mais afectadas pelo ruído dos aviões do Aeroporto Humberto Delgado fazia parte do Plano de Acção do Ruído 2018-2023 dessa infra-estrutura aeroportuária. Esta era uma das medidas para minimizar os efeitos do barulho das aeronaves e designou-se Programa Bairro.

Numa primeira fase desse programa, que deveria ter sido desenvolvida entre 2021 e 2023, estariam incluídos edifícios ligados à educação e saúde que estivessem mais expostos ao ruído nocturno. Na segunda fase, seriam intervenções nas habitações de residentes que sofressem com o ruído nocturno de 60 decibéis. As intervenções deveriam decorrer a partir de 2022, segundo o calendário da ANA noticiado pelo PÚBLICO em 2021.

Até agora, ainda não está nada definido e esta é uma das “medidas a iniciar” no Plano de Acção de Ruído 2024-2029, que esteve em consulta pública e que será submetido para aprovação da Agência Portuguesa do Ambiente (APA). No documento, apenas se refere que será aplicado em “receptores sensíveis construídos antes de 1942” e será financiado pelo

Fundo de Mitigação dos Impactes das Aeronaves. Entretanto, o Governo anunciou na quinta-feira que vai impedir que haja aviões a aterrar no aeroporto de Lisboa entre a uma e as cinco da manhã

“É uma situação muito grave”, diz Acácio Pires, responsável pela área de políticas públicas do grupo de energia, clima e mobilidade da associação ambientalista Zero, sobre os atrasos na fase das habitações no Programa Bairro. Quanto ao número de casas abrangidas, relembra que, no plano do ruído de 2018 a 2023, se estimava um “total de 46 edifícios”.

Mesmo que ainda não se saiba quando vai avançar nem se quantas casas serão exactamente seleccionadas, Acácio Pires lembra que esta medida de mitigação não deve ser esquecida. “Mesmo que o aeroporto tenha os seus dias contados, é uma questão de justiça que as pessoas sejam protegidas o mais rapidamente possível dos efeitos dos aviões.”

A Zero tem vindo a apelar ao encerramento do aeroporto da Portela e a apresentar diferentes análises sobre a sua actividade. Em Outubro de 2023, divulgou a quantificação do prejuízo monetário do ruído do aeroporto para as 24 horas do dia. Nessa altura, verificou que, em média, o ruído custaria mais de 3,5 milhões de euros por dia. Os cálculos foram feitos com base nos custos que o ruído aeronáutico tem para a saúde, a produtividade no trabalho e o mercado imobiliário nos concelhos de Lisboa, Loures e Almada. Actualmente, a associação tem no seu site um contador em tempo real que mostra a acumulação desses custos. Desde 2015, de acordo com esse contador, já houve dez mil milhões de euros de prejuízos ligados à saúde e a nível económico.



Governo vai impedir que aviões aterrem em Lisboa entre a 1h e as 5h

ID: 114052655

09-11-2024



## Reportagem

# Ruído do Aeroporto de Lisboa: “Temos de parar a aula para o avião passar”

**Local, 26 a 29**